

Sarney no comando

O economista Luis Paulo Rosemberg, assessor econômico da Presidência da República, deixou bastante claro, ontem, durante a sua primeira entrevista coletiva, que o comando da política econômica está realmente em mãos do presidente Sarney.

Com segurança, tranqüilidade e firmeza, Rosemberg traçou a estratégia do crescimento econômico do governo ao mesmo tempo em que admitiu, ao contrário dos ministros da área econômica, existirem divergências entre o governo, o FMI e os credores internacionais nas negociações de um programa de ajustamento interno e pagamento da dívida externa.

Os ministros da Fazenda, Francisco Dornelles, e do Planejamento, João Sayad, até agora praticamente esconderam o jogo. Dornelles recuou ao mutismo intransponível enquanto Sayad tenta despistar informando erradamente que são boas as perspectivas de negociação com o FMI, quando na verdade o panorama é indefinido e sem previsão para desfecho.

Sayad foi desmentido. Rosemberg admitiu que são concretas as possibilidades de prorrogação do prazo de 31 de agosto para rolagem dos vencimentos da dívida externa. Isso ocorrerá somente se não for implementado novo acordo com o Fundo. "Que tal pular a cerca (o prazo de 31 de agosto) quando se chegar diante dela?", indagou o assessor econômico.

Confrontado ontem pelas opiniões de Rosemberg, Sayad reconheceu que são difíceis as negociações, pois o Fundo reivindica mais cortes nos gastos das empresas estatais e maior volume de receitas para reduzir o déficit público. O governo, porém, destacou Rosemberg, fixou o limite para o déficit operacional do setor público: nem os Cr\$ 70 trilhões como deseja o Fundo nem os Cr\$ 50,7 trilhões conforme calcula o governo, mas Cr\$ 60 trilhões.

Ou seja, dentro do parâmetro fixado para o crescimento da economia em 5% este ano ainda é possível reduzir os gastos do governo além do limite fixado pelo pacote econômico. Assim, torna-se previsível uma dose maior de arrocho interno para obter do FMI o aval necessário que abrirá as portas dos banqueiros à negociação plurianual da dívida externa.

As perspectivas são incertas, como pode depreender-se das declarações do presidente da União dos Bancos Suíços após entrevistar-se ontem com o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, de que a Nova República nada mudou em relação à Velha na condução da economia. Continua gastando além de suas possibilidades, razão pela qual não se credenciou para receber dos bancos novos recursos para manter ou ampliar o desenvolvimento econômico.

Entretanto Rosemberg traçou um quadro otimista para as atividades econômicas, apesar das divergências e dificuldades externas. Não haverá necessidade de novos recursos porque é boa a performance da economia: a agricultura e a indústria crescerão 5%, as exportações atingirão US\$ 12 bilhões e as taxas de juros externas estão caindo, contribuindo para a queda da inflação e da dívida externa em termos reais. No momento, assegurou Rosemberg, o País sofre um impacto externo positivo, o das taxas de juros, o oposto de outros impactos negativos como o do preço do petróleo em 1980 e 1983 e o das taxas de juros que alcançaram 20 por cento em 1981.

Rosemberg avançou ainda em considerações que os ministros da área econômica consideram delicadas para serem tratadas em público: o desejo do Congresso de interferir nas negociações com o FMI e credores. Ressaltou que o assunto é da exclusiva competência do Presidente, porém, admitiu que, submeter-se ao parlamento todas as discussões dificultará o processo de negociação.

Desenvolto, falando como ministro de Estado e não como assessor econômico presidencial, Rosemberg desmentiu que sobreporá aos ministros da Fazenda e do Planejamento. "Vim para somar a exercer um trabalho de coordenação, ao contrário de dividir e atritar", explicou-se. Entretanto, como são difíceis as relações entre os ministros Dornelles e Sayad com a imprensa, pois ambos são avessos a desenvolver com clareza e descontração os seus raciocínios sobre os problemas econômicos, preferindo serem monossilábicos, Rosemberg aos olhos dos repórteres, deu um salto qualitativo pela exposição pormenorizada e franqueza em admitir as dificuldades enfrentadas pelo governo da Nova República. Sayad e Dornelles trabalharam até agora para despistar em relação principalmente às negociações externas. Rosemberg jogou os dados na mesa.

CESAR FONSECA